

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

GREVE VITORIOSA

Em S. João da Madeira

2.000 Operários em greve. Manifestação de 4.000 trabalhadores e trabalhadoras

Cansados de promessas que nunca mais eram cumpridas, cansados de fome e de miséria, cansados de esperar e de sofrer, os valentes operários sapateiros de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, lançaram-se na greve. Os objectivos da luta, eram os seguintes:

1.º — Luta contra os salários de fome.
2.º — Luta contra a precária e pelo fornecimento de peles e outros.
3.º — Luta contra a burla do abono de família e contra o trabalho à peça.
4.º — Luta pelos géneros.
5.º — Solidariedade para com os camaradas grevistas da região de Lisboa.

No dia 3 de agosto, os operários de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, elegeram 3 comissões que no dia 4 apresentaram à patronal a necessidade imediata do aumento de salário.

O Sindicato tinha-se mostrado incapaz de resolver os problemas da classe. Os operários exigiam 2000 diários para os que trabalham nas fábricas e 2000 livres de todas as despesas para os que trabalham como domiciliários (artesãos). Uma dessas comissões recolheu 13 assinaturas dos patrões dispostos a satisfazerem as reivindicações. Os outros negaram-se a subscriver. No mesmo dia 4, os operários reuniram-se na sede do sindicato para tomar conhecimento das disposições da patronal. O presidente do Sindicato, depois de ver o descontentamento dos operários, seguiu para Aveiro nesse mesmo dia, levando a exposição dos operários à patronal e as assinaturas dos patrões dispostos a aumentar os salários. Esgotados todos os meios legais de luta, os operários sapateiros de S. João da Madeira, Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, viram-se obrigados a recorrer à greve para obterem a satisfação das suas reivindicações.

No dia 5 de agosto, pelas 11.30 horas, desafiando as medidas terroristas decretadas no dia 20 de julho pelo Ministério da Guerra, 2.000 operários sapateiros, seguindo as palavras de ordem do Partido Comunista, lançaram-se em greve. A paralisação do trabalho começou na fábrica Costa Bastos e estendeu-se em breve a 13 fábricas de calçado. Os operários começaram então uma marcha, de fábrica em fábrica, arrastando todos os trabalhadores para a greve.

À mesma hora, os operários de Couto, Arrifana e Nogueira do Cravo, tinham-se também declarado em greve e acompanhados de muitas mulheres seguiram para S. João.

Chegaram a esta vila quando os outros operários se encontravam à porta da Oliveira convidando os operários desta a aderirem ao movimento.

Aqui, toda a classe operária e toda a massa trabalhadora da região, operários e camponeses, compoem os compoem, reuniram-se o hero do almoço numa grande manifestação, protestando contra a falta de géneros e reclamando a satisfação das suas reivindicações. Mais de 4.000 tra-

baldadores e trabalhadoras, num magnífico movimento de Unidade Nacional, gritaram as palavras de ordem do Partido Comunista.

As autoridades, sentindo que a greve estava a alastrar por todas as fábricas, reforçaram a G.N.R. com forças de Vila da Feira que foram guardar os Paços do

— continua na página 2 —

DE NOVO À OFENSIVA!

As massas operárias da região de Lisboa, conseguindo, apesar da feroz repressão do governo fascista de Salazar, manter-se em greve durante mais duma semana — alcançaram uma grande vitória política, cujas consequências não cessam de parir ao próprio fascismo. É necessário que todos os trabalhadores se convençam de que, se, para dominar as greves, o governo de Salazar recorreu à força bruta, isso não demonstrou só a força do fascismo, como também a sua fraqueza.

O fascismo temeu que as grandes greves da região de Lisboa se alastrassem a todo o país e conduzissem ao levantamento em massa do povo português contra o seu domínio de fome e de traição, por isso, metralhou e espalçou os trabalhadores indefesos, ocupou militarmente localidades e bairros, encerrou fábricas, decretou despedimentos em massa.

O fascismo temo a união e combatividade das massas; por isso, mantém ainda encerradas muitas fábricas. O fascismo temo a acção dos trabalhadores mais honestos e conscientes junto dos seus companheiros de trabalho; por isso, não permite a admissão de milhares de operários e continua a manter presos contenos dos trabalhadores.

Assim, é por temer as massas trabalhadoras, por ser impotente para resolver os seus problemas, por se sentir fraquejar ante as acções decididas das massas, por se aperceber cheio de pavor que começou e ganha cada dia maior vigor o levantamento nacional contra o seu domínio de fome e de traição — que o governo fascista de Salazar emprega medidas terroristas com que procura intimidar os trabalhadores. O fascismo quer dar uma ideia de força para tapar a sua fraqueza.

Mas as massas trabalhadoras não se deixam amedrontar. Para não serem reduzidas a mais completa escravidão, os trabalhadores devem continuar lutando sem tréguas pelas suas reivindicações. Devem aproveitar este momento em que o fascismo e o patronato estão ainda apavorados com os últimos grandes movimentos de massas, para insistir na luta e exigir, com crescente intensidade, a satisfação das suas reivindicações. Uma vez reagrupadas as forças, no recuo que a classe operária efectuou após a greve, há que lançarmo-nos de novo e rapidamente à ofensiva. No momento presente não se trata de desencadear uma nova grande greve à escala regional ou nacional. Trata-se de empreender muitas pequenas ofensivas, em cada fábrica e oficina, exige do — por intermédio de Comissões, reclamações em massa, etc. — a satisfação das reivindicações dos trabalhadores em cada fábrica e oficina. Em cada fábrica há que exigir fundamentalmente:

1. — O aumento de salários; 2. — O cumprimento de todas as promessas feitas durante a greve; 3. — A libertação de todos os trabalhadores dessa fábrica ainda presos e readmissão de todos os trabalhadores despedidos em consequência da greve.

Quando continuam ainda fábricas encerradas por ordem do governo, devem fazer-se manifestações junto das autoridades, exigindo a sua reabertura e devem interessar-se os patrões e os Sindicatos respectivos, o comércio local ou de bairro, nessa luta.

Por outro lado, em todo o país, os trabalhadores devem insistir para que as suas reivindicações sejam atendidas e, se apesar de todos os pedidos, protestos e reclamações, não for dada satisfação, devem lançar-se em formas superiores de luta, suspendendo o trabalho durante algumas horas ou indo para a greve onde as condições sejam favoráveis.

É necessário não dar tréguas ao patronato e ao fascismo. É necessário insistir e multiplicar as lutas reivindicativas, utilizando todas as formas e processos. No decorrer dessas lutas, a classe operária treinará as suas forças, aperfeiçoará a sua organização, fortalecerá a sua unidade, para as grandes jornadas que não tardarão a vir.



MARCHAS DA FOME POR TODO O PAÍS

Seguindo as palavras de ordem do Partido Comunista, milhares e milhares de trabalhadores, manifestam-se, em todo o país, exigindo o fornecimento de gêneros e protestando contra a política de fome e de saque do governo salazarista-de traição. O povo levanta-se em massa contra a fome que o fascismo de Salazar quer impôr aos trabalhadores, roubando os gêneros ao povo, para a Alemanha hitleriana.

Há que estender, cada vez mais, a cnda de resistência. Há que multiplicar as marchas da fome e as manifestações pelos gêneros. Por toda a parte, nas cidades, vilas e aldeias, há que organizar marchas da fome, com bandeiras negras desfiladas, que vão junto das autoridades exigir que sejam fornecidos, imediatamente, os gêneros necessários à nossa alimentação. Onde, a-pesar-de todos os pedidos e protestos, os gêneros não sejam fornecidos, há que ir buscá-los onde os houver. Há que assaltar todos os locais onde estejam assombrados, seja em casas particulares, seja em estabelecimentos comerciais, e distribuir os gêneros pelo povo. Há que assaltar comboios e camions que levem os gêneros para fora e distribuí-los pelo povo.

GUIMARÃIS

No dia 1 de julho, reuniu-se uma grande multidão exigindo pão às autoridades. Um legionário puxou da pistola e deu um tiro, mas teve de fugir, depois de vaneamente socado. Interveio a G.N.R. para dispersar os trabalhadores. Com a sua luta, o povo de Guimarães conseguiu que, logo a seguir, as autoridades arrissem seis vagões de milho para distribuir à população.

DELÁIS (FAMALICÃO)

No dia 2, reuniu-se para cima de mil pessoas, no Sindicato, exigindo pão, que não tinham, havia já 4 dias, e trabalho, que não tinham também, havia 15 dias. Apareceu o governador civil de Braga, acompanhado do administrador do concelho de Famalicão, e aquele falou, dizendo que os operários tinham razão, mas que tivessem calma, não usassem de violências, porque com isso nada adiantavam, e se se prejudicavam, mas que eles tinham razão e, por isso, ele prometia-lhes arranjar pão. Este método de, nas discursivas, começar por dar razão aos operários, só no palavrado, está a ser muito usado, nesta região, pelas autoridades fascistas que, com ares paternalistas, misturados com ameaças veladas, quebram, por vezes, a combatividade das massas.

As autoridades fascistas, aterrorizadas pelos movimentos das massas, e obrigadas, por estas, a satisfazerem certas reivindicações, procuram fazer crer que é por "boa compreensão" e "generosidade" que agem. Da luta do povo de Delais, e só dessa luta, resultou que as autoridades se apressaram a arranjar dois vagões de milho, para serem distribuídos nessa região.

RIBA DE AVE (FAMALICÃO)

No dia 8, nesta localidade, onde há várias grandes fábricas e, consequentemente, uma grande população operária, havia muitos dias já que as fábricas estavam paradas e não havia pão, mais de 500 crianças juntaram-se à porta das industriais, pedindo pão.

VILA DO CONDE

Nos fins de junho, os operários foram em massa a administração exigir pão.

TAIPAS (GUIMARÃIS)

No dia 8 de julho, houve distribuições por causa da falta do pão. A G.N.R. interveio e fez prisioneiros.

BRAGA, FAMALICÃO E TONDELA

Manifestações exigindo gêneros.

UNAMO-NOS! Só unidos venceremos!

Camponeses do Alentejo! A LUTA!

O PROLETARIADO agrícola alentejano vive numa situação cada dia mais dura e insustentável. Principalmente depois do odioso decreto do governo salazarista, que estabeleceu jornadas de fome para os trabalhadores rurais, os grandes latifundiários do Alentejo, os mesmos que, acobertados nos Gremios, lançaram na penúria e na ruína a pequena e média lavoura nacional, aumentaram os seus propósitos de reduzi-la a condição de escravos, os camponeses alentejanos. Utilizando-se da liberdade que lhes conferiu a famigerada portaria fascista, de 13 de maio, os grandes lavradores alentejanos estão já pagando salários de 9000 aos homens e de 5000 e 4000 às mulheres.

Amarrados por um sistema de autêntica escravidão — que outra coisa não é a carta de trabalho, obrigatória, fornecida pelas Casas do Povo, e nas quais são averbados os "factos de indisciplina" dos "descontentes", que impede os trabalhadores honestos, que não se sujeitam a todas as violências e vexames, de encontrar facilmente trabalho noutro lado — os trabalhadores rurais do Alentejo estão à mercê da exploração desenfreada dos grandes senhores agrários.

Assim, na região de Machado, durante a última celta, um tal Serafim, que tem uma fortuna superior a 30 mil contos, burlou miseravelmente os trabalhadores, esbanjando os dos salários que se comprometera a pagar-lhes. Este "sangue-suga", que se comprometera a pagar aos trabalhadores nas primeiras cinco semanas, respectivamente 12, 16, 18, 20 e 22 escudos, e, nas outras cinco os mesmos salários mas em ordem inversa, o que levou os camponeses a recusarem melhores jornadas de trabalho, e a fazer outros lavradores os mesmos pedidos, quando chegou à semana dos 18000, recusou-se a pagar jornadas mais altas e, à quinta semana, baixou bruscamente para os 12000, apesar dos protestos dos trabalhadores.

Camponeses do Alentejo! A luta vitoriosa dos camponeses de Ribatejo, deve ser um exemplo para vós. Nesta região, os camponeses triunfaram porque, unidos-se, souberam impôr a sua vontade aos grandes senhores da Terra. Graças à sua união e à sua decidida vontade de lutar, o fascismo salazarista teve de recuar e os camponeses conseguiram salários superiores aos estabelecidos pelo despacho de fome de Salazar.

Trabalhadores Alentejanos! Ide em massa junto das Casas do Povo e exigi a sua intervenção junto dos lavradores para que sejam pagas jornadas compatíveis com o custo de vida. Organizai marchas da fome, indo com vossas mulheres e vossos filhos junto das autoridades, e dos gremios de lavoura, juntando-vos todos nos campos e marchando em massa às vilas e cidades exigir a solução da vossa situação desesperada.

Se não fordes atendidos, só um caminho vos resta: o assalto em massa aos "montes" dos grandes senhores, e a distribuição pelo povo feminino, dos gêneros armazenados.

Camaradas camponeses! Segui as indicações do Partido Comunista que ele vos conduzirá à vitória. Uni-vos na luta contra a fome e a escravatura dos grandes lavradores da terra alentejana. Exigir a abolição das cartas de trabalho que vos amarram à tirania dos senhores da terra. Uni-vos e lutai!

Como foram libertados os camponeses do Ribatejo

No dia 31 de julho, realizou-se em Vila Franca de Xira, a tradicional Festa do Colete Encarnado, na qual é hábito exhibirem-se, com danças e canções, ranchos regionais. Mas este ano, os camponeses e camponesas do Ribatejo não esqueceram os seus camaradas presos e os ranchos regionais não apareceram a dar a costumeira colaboração. A falta dos ranchos regionais comprometeu todo o êxito da festa. Os lavradores e procuraram então os camponeses para que os ranchos fossem à festa. Os camponeses responderam que só tomariam parte na festa se os seus camaradas (camponeses e camponesas) fossem postos em liberdade. Os lavradores, para que a festa não se tornasse num fracasso (o que prejudicaria os seus negócios) cederam e os presos foram postos em liberdade.

ASSAMBARCADORES

Frões, mordador na R. Borges Carneiro, 43, Porto, tem em casa um celeiro de milho, feijão, etc., e grande quantidade de azeite. Há tempos fez sair por uma porta traseira uma pipa de azeite.

Passou à Silva, largo Miguel Bombarda, Porto, tem generos assambrados para o mercado negro.

O povo morre de fome. Há que ir buscar os gêneros onde quer que os haja.



Um cemitério dos operários portugueses

Quando qualquer operário vai para a fábrica Textil Artificial do Porto (Ramalde), pensa que entra para uma fábrica de tecidos de seda como outros qualquer. Mas todos veem logo no primeiro dia de trabalho o engano em que caíram, visto que do que se trata é de uma fábrica química de produção de fio de seda artificial, um autêntico cemitério de operários e operárias.

Por que é que os deshumanos patrões desta fábrica tiram a vida aos seus operários por uma fábrica vulgar de tecidos? Para pagarem menos aos operários, para evitarem por em prática as medidas higiénicas que as próprias leis salazaristas se viram obrigadas a inscrever nos códigos por causa da crescente pressão das massas trabalhadoras e ainda para pagarem menos décima.

Enquanto a companhia amontoa milhares e milhares de contos nos cofres, mais de 200 operários e operárias são agora verdadeiros trapos humanos, como se fossem condenados a trabalhos forçados; uns, dentro de celas-prisões, onde não há ar nem luz, em vez de secções de trabalho; outros em celas com uma atmosfera carregada de gases nocivos aos olhos, que causam dores horríveis. Num estado tão lastimoso os operários são mandados para a "Mundial", onde lhes deitam umas gotas que os aliviam de momento, até poderem voltar à mesma negra vida. O que a "Mundial" e os patrões não tratam de evitar é curar só as doenças que minam as entranhas dos operários e os arrebucam ou matam. Para se fazer uma ideia da acção dos produtos químicos sobre os órgãos dos operários e operárias basta dizer que quando algum se esquece de deixar o dinheiro cá fora e leva uma moeda no bolso, ele fica de tal modo enegrecida que é preciso friccioná-la depois para poder pressar. Quanto a assistência médica, cada operário é apenas inspecionado uma vez à entrada e outra passados dois anos.

Operários e operárias da textil artificial do Porto! Operários da cantina viscosa, do "barato", do ácido, da fição e da lavção; operários e operárias da branqueação, da torção de meadas, da dobragem e escolha!

Não deixeis que vos matem ou que matem os vossos irmãos e camaradas de trabalho! Formai comissões e exigi em massa, junto do patronato e das autoridades aumento dos salários.

Dizei que tendes fome, que não sois criminosos como os salazaristas dizem, mas que o que quereis é um salário que chegue para o pão! Pedir máscaras que vos protejam dos gases, fatos de borracha que evitem que defendam o vosso corpo das queimaduras dos ácidos.

Exigir a construção de instalações higiénicas. Não vos fiéis nas promessas do médico da casa, de vos mudar de secção porque isso é só para vos enganar! Lembrai-vos dos vossos camaradas Alberto e António que foram infelizmente enganados por serem postos na rua, sem quaisquer condições de vida.

A massa operária unida tem muita força! Se onde os operários e operárias lutam unidos pelas suas reivindicações é que os salazaristas aumentam os salários e melhoram as condições de trabalho.

Avante, pois, operários e operárias da Textil Artificial do Porto!

O "Avante!" é o único órgão dos trabalhadores. Difunde o "Avante!"!

1.ª SUBSCRIÇÃO EXTRAORDINÁRIA de 50 contos

Para a realização das gigantescas tarefas que se colocam ante o Partido, para o aproveitamento de todas as condições favoráveis que se lhe oferecem, para organizar e dirigir o levantamento da nação portuguesa contra o domínio sangrento do governo fascista de Salazar, para conseguir resistir, triunfante, à brutal ofensiva que o fascismo desencadeia actualmente contra o Partido, o Partido necessita de importantes recursos financeiros. Não bastam os escassos contos mensais com que até agora têm contribuído os Amigos do Partido, embora o seu esforço, nos últimos meses, tenha sido um magnífico esforço que muito tem ajudado o rebaixamento e desenvolvimento de todos os sectores da acção partidária. No momento presente, o Partido necessita de centenas de contos. Por via da organização, o Secretariado do Comité Central lançou, no mês passado, um apelo para que fosse rapidamente coberta uma 1.ª Subscrição Extraordinária de 50 Contos. Algumas organizações do Partido, e grupos de simpatizantes, responderam imediatamente ao apelo, fazendo esforços e sacrifícios e tomando iniciativas que lhes permitiram contribuir com importantes quantias. É necessário que esta primeira subscrição extraordinária seja rapidamente realizada. Todas as verbas destinadas a essa subscrição, sejam grandes ou pequenas, devem ser entregues com uma indicação que as permita diferenciar das contribuições normais dos Amigos do Partido.

Operários Conservadores

DO ALGARVE

O CONSORCIO Português de Conservas, um dos grandes "trusts" capitalistas criados pelo corporativismo fascista, é o ninho onde se acoitam os tubarões da indústria de conservas, esses sugadores do sangue dos trabalhadores conserveiros do Algarve.

A exploração mais desenfreada, o despojamento dos mais elementares direitos sociais, a miséria, a fome e a prostituição são que caracterizam a existência, a vida dos operários e operárias da indústria de conservas do Algarve.

As fábricas apenas laboram três dias por semana, e mesmo assim, sem horário determinado. O trabalho começa quando o peixe é descarregado nas fábricas, sejam 11 horas da manhã ou a da madrugada, e os operários conserveiros já trabalham pela sua dura experiência, que a falta de emancipação significa para eles o despedimento, a taxa de preguiçosos e uma vida de fome mais negra ainda. Os donos das fábricas são os sobas que comandam inteiramente, no trabalho ou fora dele, toda a existência dos trabalhadores algarvios. Ainda há bem pouco tempo, os operários de Porriño, foram despedidos oito operários que não se apresentaram ao trabalho por terem entre mãos uma empreitada a que se viram na necessidade de deitar mão, em virtude da irregularidade do trabalho na empresa.

Foi somente graças à atitude dos seus camaradas, que se recusaram a fazer o trabalho que a eles compelia, como era desejo dos patrões, que essa medida já foi por diante, e eles puderam ser de novo readmitidos.

Se as estas arbitrariedades acrescem, temos o baixo nível de salários (5, 6, 7 e raramente 15 e 18000 para os homens; 8 e 9000 para as mulheres, sujeitos ainda às multas, desde 10 de 1000 semanais para o Sindicato, onde um punhado de vendáveis troam os interesses das seus camaradas de classe), poder-se-á avaliar a angustiosa situação dos operários conserveiros do Algarve.

Também as horas extraordinárias são pagas como salário normal. A jornada de trabalho tanto pode ser de 6 como 10, 12 ou 20 horas, apenas interrompidas de 4 em 4 horas para tomarem as miseráveis refeições.

Operários conserveiros do Algarve! Se a vossa união, se a vossa luta organizada poderá fazer recuar os tubarões da indústria de conservas, nos seus propósitos de auferirem lucros cada vez mais

Dedicação	2.000,00
Sebastião Viola	831,00
Para a Vitória	330,00
C. E.	600,00
Cam. de Fabr.	200,00
C.C.M.	200,00
José Diaz	330,00
Campo Eléctrico	200,00
Orel	600,00
Smolensko	100,00
Para Berlim	1.000,00
Para Berlim	3.100,00
Favosa	500,00
Serrano	2.300,00
Total	9.436,00

Quantias recebidas dos amigos do Partido

Dois e mais	100,00	Transporte	370,00
B. Gonçalves	500	Stáline (S.)	300,00
P.P.P.	3300	Maria José	200,00
M. Tumé (2)	1000	Sempre Uni-	
Coba	500	do	1750
Os Leais	750	Timocienka	
Thaelmann	(J)		1750
(Solidarida-	18 Janeiro (J)		500
de aos Gre-	Meião		300
vistas)	G.º P.		4500
G.º Rosa Lu-	Mundo Ver-		
xemburgo	meião (J)		2000
A Transport	370,00	Total	50450

fabulosos, à custa da vossa miséria!

A organização, aos consórcios dos capitalistas, dos mandatórios do fascismo salazarista, há que responder com a organização e com a luta dos trabalhadores!

Os operários de Lisboa, Almada, Barreiro, S. João da Madeira, os camponeses do Ribatejo, Val do Vouga e Minho, mostram-nos como é possível parar a ofensiva de fome do salazarismo, como é possível quebrar o colete de forças do corporativismo.

Formai desde já comissões dos trabalhadores mais firmes e honestos e reclamai junto dos patrões um aumento de salário compatível com o custo de vida!

Exigi o estabelecimento da semana de seis dias e o pagamento a 50% das horas extraordinárias!

Organizem os dirigentes dos sindicatos a servirem os interesses da classe e correi com os traidores!

Se os patrões não atenderem as vossas reclamações, segui o caminho que vos indicem os operários de Lisboa — o caminho da greve e da luta organizada!

Operários e operárias conserveiros do Algarve! Se a vossa luta poder arrancar-vos a opressão, a fome e a prostituição, os serviços dos encarregados e patrões!

Unidos para a luta!

Salazar decreta o roubo do milho

PARA O ENVIAR PARA O "EIXO"

Em face da resistência dos camponeses, no norte do país, recusando-se a entregar o milho aos ladrões do nosso povo que o queriam enviar para os assassinos hilerianos, o governo salazarista de traição acaba de decretar, segundo noticiamos os jornais de 20 de agosto, a organização legal do roubo do milho.

Segundo as disposições fundamentais deste decreto, todo o milho é comprado e pago pela Federação Nacional dos Produtores de Trigo que o arrecadará nos seus celeiros... para mais á vontade o enviar para fora. Obrigam-se todos os produtores e possuidores de milho a efectuar um manifesto das suas colheitas e existências perante as Comissões Reguladoras do Comércio nos respectivos concelhos. A distribuição do milho pelos concelhos é determinada pelo organismo 5.ª-colunista que é a Intendência Geral dos Abastecimentos.

É necessário desde já organizar a resistência contra este decreto que, a ser aplicado, causará a ruína dos pequenos produtores de milho e roubará às populações rurais o milho indispensável à sua alimentação, para o enviar para os bandidos fascistas alemães.

Os pequenos produtores não de-

vem dar, nos marfêstos que são obrigados a preencher, a indicação exacta do milho das suas colheitas. Em toda a parte se deve resistir, em massa, à fiscalização dos agentes do g. v.êrno e às requisições de milho que sejam feitas. Em toda a parte onde o fascismo queira roubar, pela força, o milho, aos camponeses, estes devem unir-se, resistir e distribuir o milho pelo povo ao preço da tabela (1860 o quilo, 1820 o litro).

Avante, contra o roubo do milho!

Avante, contra as explorações do milho para a Alemanha fascista!

Avante, contra o povo 5.ª-colunista de Salazar que quer matar o povo à fome!

Avante, por um Governo Democrático de Unidade Nacional, que defenda os interesses do povo português!

AS MANIFESTAÇÕES DAS CAMPONESAS EM COIMBRA

Por falta de espaço, não publicámos no último número do "Avante!" um relato minucioso do importante movimento das camponesas da região de Coimbra, que noticiámos no número da 2.ª quinzena de agosto. Dada a importância desse movimento não queremos deixar de indicar os seus aspectos mais importantes:

Já de há muito se vinha a sentir a falta de pão em Coimbra. A agravar esta falta, juntava-se a má distribuição. Por mais de uma vez, a população tinha assaltado padarias.

Numa padaria, em que os padeiros saíam por uma porta trazeira para irem vender o pão aos frequentes fregueses que se encontravam na bicha assaltaram o estabelecimento e distribuíram todo o pão pelo povo. Mas, quem mais sentia a falta da farinha, eram as massas camponesas, para quem o pão é alimento indispensável.

Durante semanas, as camponesas da região de Coimbra reclamaram, junto das autoridades da cidade, o fornecimento de farinha, particularmente de milho. As autoridades, seguindo os conhecidos processos salazaristas, não fizeram mais do que promessas falsas. O descontentamento generalizou-se, as camponesas viram que as reclamações pacíficas nada resolviam, e decidiram-se a adoptar outras formas de luta.

E, assim, no dia 7 de julho, juntaram-se, em massa, em frente do Grémio (em Coimbra) reclamando farinha em alta voz. Como tentassem entrar no edifício do Grémio, foi imediatamente enviada uma força de polícia, armada de carabinas, que expulso as valentes mulheres. As camponesas não se atemorizaram com essas barbaridades e continuaram a protestar, agredindo até o sub-comandante da P.S.P., o famigerado tenente Soares. Várias pedras foram lan-

çadas e a Polícia conseguiu desfazer a manifestação. As camponesas decidiram então voltar no dia 9.

Manifestos e cartazes do Partido Comunista, distribuídos pelas aldeias, lançando as consignas da manifestação em massa, exigindo farinha e a libertação dos trabalhadores presos, foram entusiasticamente recebidos pelas massas camponesas.

Recosas da anunciada marcha da fome, os fascistas, no dia 9 pela manhã, depois de terem feito todas as promessas demagógicas, fizeram patulhar as ruas da cidade por forças da G.N.R. e da P.S.P. Nas ruas de aces o à cidade foram colocadas metralhadoras para impedirem a entrada das camponesas em Coimbra. Mas, uma a uma, as valentes camponesas foram-se infiltrando na cidade e conseguiram realizar a manifestação a que se tinham comprometido, reclamando farinha e protestando contra as mentiras e as medidas de força, tomadas pelas autoridades. A polícia repimiu brutalmente o movimento, chegando a lançar gás e lacrimogéneos sobre a multidão. Entretanto, as vendedoras solidarizaram-se, e esta noite passeio de mercado vazia.

A tarde, à saída das fábricas, a Polícia a pé e a G.N.R. a cavalo, impediram que os operários e operárias fossem aos pon-

5.ª Colunistas

Augusto Espírito Santo, gerente do dancing Arcádia, de Lisboa, mantém relações estreitas com agentes da P.V.E.. Suspeita-se de que seja agente da Gestapo. Ultimamente foi a Espanha, com uma missão "misteriosa". Diziam pessoas que lhe são muito próximas que ia lá "preparar uma traição".

O delegado da Legião em Arouca e membro da P.V.D.E. Ferreira Pinto, que habitualmente vive no Póto, gastando escandalosamente, já era conhecido como desonesto quando era agente de passagens e passaportes. Depois que entrou para a Legião, manda prender quem se oponha às suas maquinações ou quem não lhe satisfizesse a desmedida ganância. Na própria Legião prometeu arranjar a saída dum legionário descontente se ele lhe desse 20000. Depois de lhe apanhar o dinheiro, é que o informo de que não se pode sair da Legião. Nos negócios do volfrâmio tem cometido as maiores falcatruas. Um dia assaltou na estrada um carregamento de volfrâmio sem guias — ele que está constantemente a negociar fora da lei! — e, sob a ameaça de denúncia, exigiu que lhe entregassem uns tantos contos.

Um tal J. Gonçalves, com estabelecimento de mercearia, no largo da Sé Velha, em Coimbra, serve-se do mercado negro para aumentar cada vez mais os seus lucros. Ainda há pouco tempo este cavalheiro enviou dois sacos de arroz, de 70 quilos cada, para Vila Franca das Naves, no caminho da fronteira, depois de ter negado clinicamente este artigo aos seus fregueses. Este caso foi imediatamente comunicado na sede da Legião Portuguesa a qual enviou um legionário para averiguar o que se passava. Claro que esse legionário, cumprindo as determinações superiores, em vez de actuar no sentido de punir o "candongueiro" e dificultar o envio do arroz para fora do país, ajudou ainda, por todos os meios, essa expedição.

Um tal Bandeira, de Espinho, que antes da guerra pouco tinha, com as transacções que fez na Comissão Reguladora a que pertence, tornou-se rico.

cos centrais da cidade. No dia 10, o "Diário de Coimbra", por se ter referido, no artigo de fundo, ao problema do pão, foi suspenso, ficando desempregados cerca de 30 operários.

URGE ABRIR A 2.ª FRENTE!

Quando, no dia 5 de julho, o Alto Comando Alemão desencadeou uma das mais formidáveis ofensivas desta guerra, tentando, desesperadamente, e uma vez mais, aniquilar o Exército Vermelho, mal contava que, depois de 10 dias de resistência vitoriosa, o Exército Vermelho passasse, por sua vez, à ofensiva, esmagando uma forma inesperada algumas das maiores fortalezas nazis na frente oriental e alcançasse vitórias que se contam entre as mais retumbantes de toda a guerra. Entre centenas de outras cidades, o Exército Vermelho reconquistou os importantíssimos centros de Orel e Bielgorod (da 5.ª de agosto) e Karkh (da 22.ª). As baixas "infiligidas" aos fascistas foram tremendas. No dia 22 de agosto, o comunicado soviético podia anunciar que, em 46 dias de luta, haviam sido causadas aos alemães cerca de 1 milhão de baixas, das quais 300.000 mortos e 25.000 prisioneiros, e haviam sido destruídos ou tomados 4.000 veículos, 7.250 tanques, 5.000 canhões e 22.200 veículos diversos.

Os Exércitos hitlerianos continuam a ser sangrados irreparavelmente na frente leste. Agora já não têm a seu lado as forças dos vassallos da Alemanha! Essas forças foram, na maior parte, "pulverizadas" pelas armas soviéticas. A Romênia teve, em 2 anos de guerra contra a U.R.S.S., 250.000 mortos, 100.000 prisioneiros e 35.000 feridos. A Itália teve 60 mil mortos, 46.000 prisioneiros, 70.000 feridos. A Hungria teve 7 divisões reduzidas a metade em 1942; o seu exército, reforçado, foi completamente derrotado em 1943, e a Alemanha praticamente deixou de existir. A estes números devem juntar-se as divisões fascistas, dizimadas, da Espanha, Bélgica, França, Noruega, etc., assim como do exército finlandês. Por sua vez, a Alemanha hitleriana teve milhões de baixas nas terras soviéticas desde o seu primeiro ataque em 1941. As reservas humanas da Alemanha hitleriana estão se esgotando, sem qualquer possibilidade de se recompor. Graças à ação do glorioso Exército Vermelho, a Alemanha hitleriana caminha direita à derrota.

Uns anos atrás, ainda estava de pé no mundo o mito da "invencibilidade" da Wehrmacht. Foi no território soviético que a luta heroica das forças armadas e dos povos soviéticos, sob a direção genial de camarada Stáline, que os exércitos hitlerianos conheceram, pela primeira vez, a derrota. As operações militares na U.R.S.S. não têm comparação, pela sua importância, grandiosidade das forças em presença, mobilização de recursos humanos empregados, baixas sofridas, com as operações até hoje realizadas em qualquer outro teatro da guerra. Quero isto dizer que não tenham havido outras importantes operações e que Hitler não tenha sofrido derrotas noutros campos de batalha? Sem dúvida que não. Na Líbia, na Tunísia, na Sicília, nos mares e rios e aéreas, as forças hitlerianas conheceram já pesadas derrotas que lhes foram infligidas pelas armas anglo-americanas. Também na Iugoslávia (assim como noutros países ocupados) as heroicas guerrilhas do Exército Popular de Libertação causaram grandes derrotas às tropas fascistas. **Mas, em todas estas operações a Alemanha hitleriana comprometer um número insignificante de divisões.** Ponde fazer-lo porque os recursos militares da Inglaterra e Estados Unidos estão ainda longe de

serem empregados na sua máxima força.

E, entretanto, se operações anglo-americanas contra o continente europeu conseguissem distrair da frente leste umas 80 divisões, Hitler não poderia resistir e seria rapidamente derrotado. A questão crucial da guerra e da derrota da Alemanha hitleriana continua assim sendo a questão da 2.ª Frente.

O FASCISMO SERÁ DERROTADO!

Muitas vezes temos repetido que, por muito importantes que sejam os bombardeamentos aéreos, por muito importantes que tenham sido as campanhas de África e da Sicília, por si só, essas operações não representam nada de comparável a uma verdadeira 2.ª Frente. De forma alguma estamos de acordo com as afirmações feitas em 22 de junho por Knox, Secretário da Marinha dos Estados Unidos, segundo o qual não se deveria mais empregar a expressão "2.ª Frente", por haver já numerosas frentes. Nem com certas opiniões de círculos militares anglo-americanos (e em particular do Secretário da Guerra, Stimson) segundo os quais os bombardeamentos aéreos são susceptíveis de fazer desviar da frente leste um número apreciável de divisões.

Não. Para nós, a vitória sobre Hitler exige a abertura da 2.ª Frente no continente europeu e a 2.ª Frente não se pode continuar a criar-se no Continente sem com operações que, por muito importantes que sejam, não ultrapassem a envergadura das campanhas de África e da Sicília.

O Exército Vermelho está tro-

vando batalhas gigantescas e triunfantes contra cerca de 300 divisões n.ºs. Não é demais exigir que a Inglaterra e os Estados Unidos empreendam na Europa acções militares que obriguem a Alemanha hitleriana a manter em luta no ocidente umas 80 divisões.

A Inglaterra e os Estados Unidos possuem poderosas forças, grandes reservas materiais e humanas. Só se exige que as ponham em acção. É possível que na Conferência de Quebec se tenha

resolvido atacar a fundo a fortaleza hitleriana. Mas o tempo passa, o Exército Vermelho em sucessivas campanhas gigantescas, tem aberto infindas oportunidades de uma vitória rápida e, entretanto, essas oportunidades não têm sido aproveitadas pelos Exércitos anglo-americanos. Validamente, o camarada Stáline, no seu discurso de 6 de novembro de 1941, disse esperar a "abertura próxima" da 2.ª Frente. No inverno de 1941-42, e no verão de 1942, e no inverno de 1942-43, e agora no verão de 1943, **se a 2.ª Frente fosse aberta a Alemanha hitleriana seria rapidamente derrotada.**

Mas, mês após mês, e ano após ano, os dirigentes de guerra anglo-americanos têm adiado a abertura da 2.ª Frente.

Como disse o camarada Stáline em novembro de 1943, a 2.ª Frente acabará por ser aberta porque "os nossos aliados precisam dela não menos do que nós". Mas, tendo sido poupados milhões de vidas se há mais tempo ela tivesse sido aberta. Quanto mais rapidamente for aberta mais vidas se pouparão e mais depressa o mundo se verá livre do pesadelo da guerra e do terror hitleriano.

STÁLINE

ANUNCIA A CONQUISTA DE OREL E BIELGOROD

Ordem do Comando Supremo das Forças Soviéticas. Dirigida ao Cor.-General Popov, Cor.-General Sokolovsky, General do Exército Rokossovsky, General do Exército Volinine e Cor.-General Koniev.

Hoje, 5 de agosto, tropas da frente de Briansk, assistidas dos nossos flocos por tropas das frentes ocidental e central, ocuparam, em resultado dum luta pertinaz, a cidade de Orel. Hoje também, tropas da frente da Estepa e da frente de Voronezh começaram a resistência do inimigo e ocuparam a cidade de Bielgorod. Um mês antes, em 5 de julho, os alemães começaram uma ofensiva nas regiões de Orel e Bielgorod para cercar e varrer as nossas tropas situadas no saliente de Kursk e capturarem Kursk. Tendo repetido todas as tentativas inimigas para romper em direcção a Kursk, vindas de Orel a Bielgorod, as nossas próprias forças passaram à ofensiva. Em 5 de agosto, exactamente um mês depois do começo da ofensiva alemã de julho, elas recapturaram Orel e Bielgorod. Assim é desmentida a lenda alemã de que as tropas soviéticas são incapazes de conduzir uma ofensiva. Hoje, a vitória alemã na ofensiva de julho não é mais do que o nome de "Divisões de Orel". De futuro serão chamadas a "5.ª Divisão de Orel", a "120.ª Divisão de Carabinheiros de Orel" e a "380.ª Divisão de Carabinheiros de Orel". A 89.ª Divisão de Guardas e a 305.ª Divisão de Carabinheiros, que primeiro irromperam em Orel e a libertaram, são concedidas com o nome de "Divisões de Bielgorod". De futuro serão chamadas a "89.ª Divisão de Guardas de Bielgorod" e a "305.ª Divisão de Carabinheiros de Bielgorod". Hoje, 5 de agosto, às 21 horas, o capital do nosso país, Moscovo, saudará a nossa vitória e as tropas que libertaram Orel e Bielgorod com as salvas de artilharia de 100 canhões. Pelas excelentes operações ofensivas, exprimio o reconhecimento a todas as tropas sob a vossa direcção que tomaram parte nas operações para a libertação de Orel e Bielgorod. Glória eterna aos heróis que caíram na luta pela liberdade do nosso país. Morte aos ocupantes alemães!

Comandante em Chefe Supremo, Marechal do União de 1943, Stáline, 5 de agosto de 1943.